

ESTUDO DE COMUNIDADES VISANDO À CRIAÇÃO DE BIBLIOTECAS

IDA REGINA CHITTO STUMPF*

RESUMO: O trabalho se constitui numa parte da revisão da literatura realizada para a pesquisa intitulada Estudo da Comunidade do Bairro Santana/Porto Alegre. Primeiramente justifica os bairros como comunidades definindo também por que e de que forma estudar sua população. Apresenta levantamento de alguns estudos já realizados, indicando as variáveis utilizadas em cada um deles.

ABSTRACT: The paper constitutes a review of the literature made for the research, called Study of the Community of Bairro Santana/Porto Alegre. First, it establishes the suburbs surrounding the city as communities, defining also why and which way to study their population. It presents data from some studies already performed, indicating the variables used in each one of them.

PALAVRAS-CHAVE: Estudo de Comunidades : Biblioteca

KEY-WORDS: Study of Communities : Library

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi originado da revisão da literatura apresentada no relatório da pesquisa intitulada *Estudo da Comunidade do Bairro Santana/Porto Alegre*. A síntese de parte do levantamento bibliográfico realizado, aqui apresentada, serviu para justificar o estudo e a metodologia adotada. Os resultados obtidos serão divulgados posteriormente e visam a servir de subsídio para a criação de uma biblioteca que atenda às necessidades e aos interesses da população do Bairro, ao mesmo tempo que permita a prática dos alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Maurice LINE (8), em seu artigo *Planejamento de Sistemas de Informação para Seres Humanos*, mostra bem a inadequação das instituições quando são pla-

* Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da FABICO/UFRGS. Mestre em Educação/UFRGS.

nejadas para resolver apenas problemas técnicos, sem levar em conta as implicações humanas. Mesmo reconhecendo a facilidade de adaptação do indivíduo, o autor considera utópico o planejamento que não se baseia no conhecimento do comportamento e dos anseios da sociedade. Por esta razão são feitos estudos que objetivam este conhecimento, denominados *estudos de comunidade*.

Os estudos de comunidade são, portanto, investigações que se fazem para conhecer aspectos de uma população, seus hábitos e interesses. A bibliografia já indica quais os aspectos a serem conhecidos nos estudos sociológicos e que apontam as variáveis econômicas, culturais, educacionais entre outras, como as mais importantes para serem analisadas. Na área de Biblioteconomia, no Brasil, só agora começam a ser levantados dados sobre as populações a serem atendidas pelas bibliotecas públicas e comunitárias. No entanto, para o planejamento de bibliotecas, estes estudos tornam-se imprescindíveis e são justificados por autores como Nice FIGUEIREDO, que diz que “do ponto de vista do administrador, o estudo da comunidade é tão básico para a administração da biblioteca pública quanto o diagnóstico médico para a prática da Medicina” (5, p. 44). Guardadas as devidas proporções entre os efeitos causados pela falta de dados para a saúde do indivíduo e da população e a falta de dados para a criação de uma biblioteca como um serviço social para uma comunidade, a afirmativa quer apenas mostrar a importância desses estudos para o bibliotecário, a fim de que o planejamento e a escolha de estratégias de ação sejam feitas de forma mais adequada e acertada.

2 BAIROS COMO COMUNIDADES

Comunidades são agrupamentos de pessoas que vivem numa área delimitada, tendo em comum aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais que lhes conferem certa uniformidade no estilo de vida (14).

Esta conceituação destaca o espaço físico como um dos elementos constitutivos das comunidades, devido a importância que a proximidade geográfica assume para motivar a aglutinação de pessoas. HAPRE & DUHAN apud BATISTA* também visualizam comunidade dentro de um espaço físico com características distintas de outras áreas que torna comum o modo de vida, os interesses e os valores.

Uma cidade ou município se constitui, dessa forma, em comunidades. Cada uma delas, no entanto, pode ser subdividida em vários destes agrupamentos sociais, formados de maneira espontânea ou forçada, que exibem características bem diferenciadas entre eles. No caso das cidades, por exemplo, encontramos os bairros, que se constituem em unidades geográficas distintas que vão se configurando com o passar do tempo. Nelas as habitações se aproximam formando um conjunto mais denso com características mais ou menos semelhantes. Por esta razão, encontramos bairros residenciais com edificações parecidas que mostram as influências resultantes da aproximação entre as pessoas.

Porém, comunidade é, antes de tudo, uma unidade social, decorrendo daí as características de ser viva, mutável e variável. A dinâmica que resulta da convivência entre as pessoas contém forças que podem conduzir tanto à evolução quanto

* HAPRE, E. & DUHAN, A. *Community organization in action*. New York, 1966. apud BAPTISTA, Myrian Veras. *Desenvolvimento da comunidade*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1976. p. 49.

à estagnação ou à desagregação (FERNANDES apud BATISTA)*. Os bairros são comunidades porque seus habitantes formam uma unidade social na divisão de uma cidade, com interesses comuns e bem-estar social e cujos membros têm consciência de a ele pertencer por ocuparem um território determinado, no qual se inter-relacionam por utilizarem os mesmos serviços e recursos (4).

O meio geográfico atua sobre os grupos humanos como um estímulo mais ou menos intenso, mas o homem tem capacidade modelá-lo pela técnica, para colocá-lo a serviço de seus próprios objetivos. Assim, um obstáculo aparente pode vir a constituir-se num importante recurso (9). É o caso, por exemplo, de um riacho que, ao ser canalizado, pode servir para a construção de vias expressas em suas margens.

Além do meio geográfico, os aspectos econômicos podem atuar sobre os grupos de forma a que o tipo de atividade produtiva influencie inclusive a densidade demográfica de determinadas áreas. Por esta razão, os distritos industriais têm baixa densidade demográfica porque a atividade produtiva ocupa grandes edificações, restando pouco espaço para as pessoas construírem suas residências. O mesmo não acontece com os bairros residenciais que possuem apenas prédios para as atividades comerciais de uso local, deixando grandes espaços para a construção de residências e edifícios.

No entanto, não é apenas o aglomeramento urbano ou a produção que caracteriza uma comunidade e sim uma certa consciência do viver em comum, sendo necessário para isso um lastro cultural capaz de fixar objetivos sociais, ordenar os sistemas das relações humanas e dinamizar a vida dos grupos e das instituições. Para MEDEIROS, a comunidade vive da cultura, entendendo-se por ela "o conjunto do saber e arte constituídas em herança social" (9, p. 35).

Devido ao crescimento urbano, a vida nas cidades se tornou muito complexa. O aumento populacional originado, principalmente pela imigração rural e urbana e pelo aumento natural da população, expandiu os limites das cidades e tornou os agrupamentos muito heterogêneos. O tamanho das cidades atuais concorre para aumentar a complexidade da vida urbana e produz alterações significativas tanto no indivíduo como na vida comunitária. Devido às distâncias, os cidadãos só podem conhecer e pôr-se em contato com uma pequena parcela da população, sendo quase impossível levar uma vida comunal local, o que, por sua vez, dificulta a organização da sociedade. Além disto, a mobilidade da população, ocasionada pela busca de trabalho e melhores condições de vida, gera uma diversidade de grupos sociais de nacionalidade, ocupação, raça, credo e base cultural diversos, que dificulta a consecução da unidade comunitária e desarmoniza a vida urbana em termos de interesses, hábitos, valores e atitudes (14).

Os padrões culturais provenientes de outras áreas culturais, ao serem incorporados a uma sociedade, se fundem com os padrões similares existentes, resultando num padrão novo, fruto da chamada aculturação.

Assim, as modificações de padrões culturais e a sua reordenação mais ou menos permanente constituem o aspecto dinâmico da cultura e conseqüentemente da própria sociedade. Por esta razão, as mudanças culturais provocam modificações profundas na vida das cidades e dos bairros.

Apesar das diversidades culturais resultantes de sua formação e organização social, os bairros, quando encarados como áreas naturais e relativamente isola-

* FERNANDES, Florestan. *Comunidade e sociedade no Brasil*. São Paulo, 1972. apud BAPTISTA, Myrian Veras. *Desenvolvimento da comunidade*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1976. p. 49.

das, representam uma unidade lógica de estudo quer por seus aspectos históricos, geográficos ou culturais.

POR QUE E COMO ESTUDAR A COMUNIDADE

Todo serviço criado para a comunidade deve basear-se em um estudo prévio da mesma para poder agir com conhecimento de causa e garantir sua plena utilização. São os chamados *estudos de comunidade* que representam o conhecimento objetivo da realidade de um determinado grupo social. Segundo REIS (14) e a Secretaria do Estado dos Negócios do Trabalho e Habitação (15) eles devem incluir o conhecimento da área geográfica, dos habitantes, da história, do estilo de vida, dos recursos, das instituições, dos problemas e das necessidades. Os autores apontam também, para a consecução destes estudos, os seguintes métodos:

- a) levantamento indireto, através da documentação já existente como monografias, relatórios, dados estatísticos etc.;
- b) levantamento direto da situação, através de questionários, entrevistas e observações "in loco";
- c) ou pela combinação das duas formas anteriores, isto é, usando documentos que puderem ser obtidos ou consultados, complementando-os e atualizando-os através da busca direta de novos dados.

REIS (14) diz ainda que para realizar este tipo de estudo são formados grupos de trabalho de caráter informal e transitório, sendo essencial que tenham um mínimo de organização interna e de estabilidade para que possibilite um funcionamento regular e a execução de tarefas. Destaca também, a importância da figura do coordenador das atividades para a articulação racional dos trabalhos e para a busca, em comum, do melhor caminho a ser seguido em cada circunstância apresentada. As tarefas devem ser distribuídas entre os membros do grupo conforme a capacidade, interesse, habilidades e possibilidades de cada um e por decisão dos próprios membros. Só através do esforço coletivo e da consciência de sua importância que a análise da comunidade se constituirá num trabalho exitoso e servirá para os fins específicos com que foi realizado.

O ideal, segundo estudos mais recentes, é de que o grupo pertença à própria comunidade, pois desta forma a motivação para o auto-conhecimento visando a objetivos que revertam em favor do próprio grupo, é sempre maior. Com isso, o pessoal da comunidade se capacita para a resolução dos problemas da vida em comum. Quando não é possível esta participação, o grupo que realiza o trabalho deve ter um objetivo comum que o leve a realizar o estudo e a consecução dos propósitos traçados (17).

No caso de estudos feitos especificamente para bibliotecas, a mesma metodologia descrita anteriormente pode ser adotada, desde que envolva as variáveis do contexto onde a instituição se acha inserida. Torna-se difícil, no entanto, que a comunidade participe destes estudos, uma vez que desconhece o que sejam bibliotecas e o que elas podem lhe oferecer. Mesmo assim, a biblioteca comunitária, vista como um recurso de recreação, cultura e educação de agrupamentos sociais de uma área geográfica específica necessita conhecer sua população usuária para programar seus serviços e servir realmente como um recurso da comunidade.

Esse tipo de biblioteca, no Brasil, é ainda pouco conhecido. As causas disto podem ser encontradas em razões históricas e culturais da formação da sociedade

brasileira, que sempre transferiu para o poder público a iniciativa de sua criação. As bibliotecas existentes são instituídas *para a comunidade* e não *pela comunidade* como afirma MILANESI (10).

Para a instalação de uma biblioteca em uma comunidade, o ideal seria que a proposição partisse da própria comunidade. No caso da idéia não aparecer de maneira espontânea, podem ser empregadas técnicas que estimulem o objetivo, a fim de assegurar respostas positivas à sua criação.

A instalação de uma biblioteca para uma comunidade deve levar em conta os resultados desses estudos no seu planejamento, tentando com isso partir de um conhecimento prévio da população. Deve-se determinar suas características, hábitos e interesses para desenvolver serviços que realmente atendam às suas necessidades básicas de informação e lazer, estimulando o aperfeiçoamento individual e propiciando maior participação social. Torna-se necessário, então, um estudo da comunidade que possibilite o conhecimento desses aspectos, para que venham a orientar as ações futuras da biblioteca.

A falta de um conhecimento maior sobre as variáveis que interferem no uso de bibliotecas e no gosto pela leitura faz com que os estudos sejam, às vezes, muito abrangentes, e que alguns dados contribuam apenas para determinar características, sem contudo, terem implicações diretas com o assunto. Mesmo assim, um conhecimento amplo da comunidade só trará benefícios ao bibliotecário que poderá com isso formar uma idéia melhor dos usuários que lhe cabe atender.

4 AS BIBLIOTECAS E SUAS COMUNIDADES

Há muito fala-se na criação de bibliotecas para a população brasileira, porém, pouco até hoje foi feito. Excetuando-se alguns estados como São Paulo, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas tem um longo caminho a seguir até instalar ao menos uma biblioteca em cada município brasileiro. A esta situação vem se aliar a falta de um consenso sobre a diferença entre bibliotecas públicas e comunitárias, levando a crer que as bibliotecas públicas são mantidas pelo governo e servem a uma população maior, como uma cidade ou estado. Já as comunitárias podem ou não ser subordinadas ao governo, mas atendem a populações menores como bairros e vilas. Esta denominação estabelece, também, um sentido de maior vínculo entre a biblioteca e seu público, levando a crer que ela é parte integrante da comunidade.

SUAIDEN (16) acha que não há consciência do governo e do povo quanto à importância das bibliotecas para as comunidades, considerando também que elas só serão um serviço essencial na medida em que responderem aos anseios da população.

Os intelectuais brasileiros, no entanto, há muito já reconhecem a importância das bibliotecas para o desenvolvimento e preservação da cultura nacional. Mário de Andrade, em 1939 já assim se expressava:

“A criação de bibliotecas populares me parece uma das atividades mais necessárias para o desenvolvimento da cultura brasileira. Não que essas bibliotecas venham a resolver qualquer dos dolorosos problemas da nossa cultura, como a alfabetização ou a formação de professores secundários, por exemplo. Mas uma bem orientada disseminação do hábito da leitura criará uma população urbana mais consciente, com vontade própria, menos indiferente à vida nacional” (16, p. 33).

Muitos benefícios podem ser citados para justificar a instalação das bibliotecas públicas ou comunitárias, mas, se este não for um desejo popular, o trabalho não terá sentido para a população. Para isso, a criação de bibliotecas deve levar em consideração o conhecimento a respeito da comunidade a ser servida, onde se incluem as preferências e motivação para a leitura, bem como características básicas que mostrem como a população se apresenta. Em decorrência disso é que deveriam ser selecionados os acervos de forma que as coleções sejam compostas e não impostas, como diz GARCIA (6). Também os serviços oferecidos pelas bibliotecas seriam planejados e adequados aos vários públicos dentro de uma escala de prioridades. Quando isso não acontece, não há segurança de que eles realmente sirvam à população. DI CHIARA e outros (3) realizaram um estudo da comunidade londrinense justamente para assegurar que os serviços prestados pela biblioteca pública local fossem implantados com um conhecimento maior das características da população.

Devido aos diferentes contextos sócio-culturais e econômicos, bem como à falta de estudos sobre as comunidades atendidas por bibliotecas, é impossível caracterizar o usuário brasileiro de uma maneira geral. Além disso, o uso de variáveis diferenciadas não tem permitido fazer comparações e generalizações.

PIMENTEL (12) numa pesquisa realizada num bairro pobre do Recife, considerou importante levantar dados sobre a localização do bairro, a infra-estrutura básica de serviços de saúde e educação, bem como a caracterização da classe social. O estudo revelou que 90% da população do bairro pertencia à classe baixa e que o tipo de leitura utilizada pelas famílias eram as revistas em quadrinho e fotonovelas (90,48%). A pesquisa mostrou também que a não freqüência da população do bairro à Biblioteca Popular de Casa Amarela se dá por motivo de horário de funcionamento, falta de livros de interesse do usuário e sobre assuntos atualizados, bem como a não existência de promoção de atividades artístico-culturais.

O estudo realizado em Londrina, PR, considerou importante para seu trabalho sobre a comunidade local levantar dados sobre os seguintes aspectos: faixa etária, sexo, estado civil, atividade profissional, escolaridade, renda familiar, hábito de leitura, finalidade de leitura, formas de lazer, freqüência à biblioteca, conhecimento da sua localização e dos serviços por ela oferecidos, bem como sua utilização. A investigação identificou essas características na comunidade e com base nas mesmas pretende sugerir serviços (3).

Já HOELTGEVAUN (7) considerou como indicadores para estudar a população de usuários de uma biblioteca pública da periferia de São Paulo a densidade demográfica e crescimento populacional, a categoria ocupacional do chefe de família, o número de pessoas por família, a renda familiar mensal, a renda per capita e dados sobre a escolaridade. Com esses dados, a pesquisa indicou alguns serviços que as bibliotecas públicas devem realizar para atrair seus leitores como aquele vinculados à publicidade (guia de biblioteca, exposições, etc.), as promoções comunitárias (visitas à biblioteca, listas de leitura, palestras, cursos, serviços de extensão, etc.) além de atendimentos específicos para grupos de crianças e jovens (concur- sos, hora do conto, audições, discussão sobre livros, jogos, etc.).

PERES & FULGÊNCIO (11) observaram no seu trabalho sobre usuários da biblioteca pública de Minas Gerais que é grande a ligação deste tipo de biblioteca com a população escolar, já que a procura por livros indicados pelas escolas é muito constante. Além destes, os livros de literatura com finalidade de recreação são os mais procurados. Os autores indicaram também que as bibliotecas comunitárias devem

oferecer serviços para o desenvolvimento dos vários grupos da população, senão fatalmente caem na função de suprir as deficiências das bibliotecas escolares. Para que isso não ocorra, os autores apresentam e reforçam a sugestão de Etelvina Lima no 2º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Salvador, BA, 1959, que indica ser necessário um bibliotecário de referência especializado em usuários escolares, além de sugerir serviços sobre o uso da biblioteca e a necessidade de criação de um serviço de extensão bibliotecária nos colégios.

Para que as bibliotecas públicas e comunitárias tenham um real significado para seus usuários, um novo conceito como entidade prestadora de serviços começou a ser veiculado. Para isso, serviços de informações utilitárias que reúnam, processem e veiculem informações baseadas nas necessidades dos usuários começam a ser implantados. Por ser uma idéia muito nova, não há consciência da população de que a biblioteca tenha tal função. Por isso, um estudo específico dos problemas da população pode auxiliar na escolha do tipo de informação necessária para a solução de problemas da vida diária. COSTA (2) aponta as áreas de saúde, lazer, alimentação, educação, cultura popular, habitação, transporte, problemas jurídicos e de trabalho como necessárias de serem investigadas. O estudo de POLKE e outros (13) sobre informação utilitária no Bairro Pompéia, em Belo Horizonte, utilizou como categorias de informação utilitária: saúde, emprego, legislação, lazer, moradia e educação. Uma das importantes conclusões do estudo é de que quanto mais baixo o nível sócio-econômico da pessoa, mais dificuldade ela tem de obter informações, além de desconhecer onde e como buscar recursos que podem auxiliá-la. Desta forma, uma biblioteca que atenda uma comunidade, especialmente se constituída por população carente, deve incluir este tipo de serviço.

A ligação das bibliotecas com seu público faz-se através dos profissionais que nelas atuam. Desde sua formação, o bibliotecário deve ser incentivado a fazer esta união e a prestar serviços reais à comunidade, para que as bibliotecas públicas e comunitárias sejam um serviço útil e viável para o desenvolvimento do indivíduo, particularmente, e da sociedade de um modo geral.

5 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 BAPTISTA, Myriam Veras. *Desenvolvimento da Comunidade*; estudo da integração do planejamento do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento global. São Paulo. Cortez & Moraes, 1976. 173p.
- 2 COSTA, Maria Neusa de Moraes et alii. Biblioteca Pública como Centro de Informações Utilitária; uma experiência no município de Santa Rita — PB. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 13(2): 179-95, set. 1984.
- 3 DI CHIARA, Ivone Guerreiro et alii. Estudo da Comunidade Londrinense Face à Demanda pelos Serviços de Biblioteca Pública Municipal de Londrina; análise preliminar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., Recife, 1987. *Anais...* Recife, 1987. v. 2, p. 752-70.
- 4 EGG, Ezequiel Ander. *Metodologia y Práctica del Desarrollo de la Comunidad*. Buenos Aires, Humanitas, 1964. 246p.
- 5 FIGUEIREDO, Nice. Aspectos Especiais de Estudos de Usuários. *Ciência da Informação*, Brasília, 12(2):43-57, jul./dez. 1983.
- 6 GARCIA, Maria Lúcia Andrade. O Leitor e a Biblioteca Pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 4(2): 186-97, set. 1975.
- 7 HOELTGEVAUM, M. M. A Biblioteca Pública e a Periferia do Município de São Paulo. In:

- ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4, São Paulo, 1978. *Anais...* São Paulo, FEBAB, 1978. v.2, p. 324-42.
- 8 LINE, Maurice. Planejamento de Sistemas de Informação para Seres Humanos. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 7(1): 27-58, mar. 1978.
 - 9 MEDEIROS, Laudelino. *O Processo de Urbanização do RGS*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia, 1959. 64p. (Estudos Sociais).
 - 10 MILANESI, Luiz. *Ordenar para Desordenar*; centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo, Brasiliense, 1986. 261p.
 - 11 PERES, Odília Clark & FULGÊNCIO, Célia Maria de O. Pesquisa Sobre Usuários da Biblioteca Pública de Minas Gerais "Prof. Luis de Bessa". *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 1(2): 101-12, set. 1972.
 - 12 PIMENTEL, Cléa D. P. Estudos e Pesquisa do Usuário da Biblioteca Popular de Casa Amarela. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, (8): 69-86, jun. 1984.
 - 13 POLKE, Ana Maria A. et alii. Biblioteca, Comunidade e Informação Utilitária; um estudo de como circula a informação utilitária no Bairro de Pompéia em Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. *Anais...* João Pessoa, APBP, 1982. v. 1, p. 131-59.
 - 14 REIS, Ayeda Pereira. *Você e sua Comunidade*. Porto Alegre, Secretaria do Trabalho e Habitação, 1966. 93p.
 - 15 RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Estado dos Negócios do Trabalho e Habilitação. Departamento de Assistência Social. *Você e sua Comunidade*. Porto Alegre, 1966. 91p.
 - 16 SUAIDEN, Emir. Biblioteca Pública e Comunidade. *Revista Interamericana de Bibliotecologia*, Medellín, 10(1): 33-46, Ene./jun. 1987.
 - 17 WARE, Caroline F. *Trabajos Prácticos en Organización y Desarrollo de la Comunidad*. Washington, Unión Panamericana, 1962. 98p. (Manuales Técnicos, 5)